

Max Gericke

Nem uma coisa nem outra

de Manfred Karge



Capa: Foto, Augusto Baptista

Nem uma coisa, nem outra

“Récit de vie” chamam os franceses a esta forma teatral. O que a caracteriza? A máxima extensão, na mínima forma. A vida, uma vida, toda a sua diversidade, surpresas, altos e baixos, e a evidência demonstrada passo a passo de que há sempre a possibilidade do pior quando se está numa situação já péssima. Claro que falamos, neste caso, não das vidas previsíveis, sem história, do género infância feliz, adolescência brilhante, casamento estrondoso, sucesso profissional, família unida e porventura, até na morte, um êxito inesperado.

Falamos de Ella Gerike, uma mulher que teve de renunciar à sua identidade para sobreviver, e sobrevivendo na pele do seu próprio marido, o Max que tinha ciática que afinal era cancro, passou por um conjunto de experiências de vida inimagináveis e no entanto reais. Trata-se de uma história verídica, já tratada por Brecht na novela «O Posto». Ficcionalizada por Karge, é estruturada em fragmentos justamente para fazer sobressair apenas o essencial: não se pode ser bom numa sociedade que não o é. Manfred Karge, que trabalhou no Berliner Ensemble, conhece bem a lição brechtiana, a lição contida na famosa *A Boa alma de Sé Chuão*, que demonstra como os bons neste mundo são considerados

tolos. E esta peça é isso, uma manobra global de estranhamento no sentido brechtiano. Não só a articulação dos momentos biográficos seleccionados como relevantes com as conjunturas históricas é perfeito (ascensão do nazismo, nazismo, guerra, pós-guerra, muro de Berlim/guerra fria) como o dilema permanente da sua dualidade sexual se revela afinal como a expressão da impossibilidade de se ser, isto é, de se ser alguém, uma identidade. Ella/Max Gericke é isso : nem uma coisa nem outra. E no entanto Ella foi uma criatura que amou, foi desejada, foi solidária, que não optou, mas não quis a guerra, que teve de matar, que foi perseguida, que vendeu o corpo, que se meteu debaixo das mantas com um empresário, que traficou...

Max Gericke é a história de uma sobrevivente num mundo que impede a vida, a história de uma vida solitária e clandestina que se multiplicou em identidades forjadas ao sabor dos condicionamentos.

Fernando Mora Ramos

Manfred Karge

«Actor, encenador e autor dramático alemão. Uma grande parte da sua carreira confunde-se com a de Mathias Langhoff. No entanto, a partir de 1982 faz o seu próprio caminho e monta as suas peças: em Bochum será *Jacke vie Hose* (Max Gericke, nem uma coisa nem outra). Essa história de desdobraimento e de usurpação de identidade por parte de uma viúva que se faz passar pelo marido para escapar ao desemprego, não deixa de lembrar *A Boa alma de Sé Chuão* de Brecht. *A Conquista do Polo Norte* é também criada primeiro em Bochum numa encenação do autor.

Para além de inscreverem muito precisamente a fábula nas preocupações contemporâneas, as obras de Karge assinalam-se por uma escrita multiforme, que vai do naturalismo ao jogo circense, da linguagem mais comum às experiências rítmicas e prosódicas, passando pela inserção de obras célebres em citações mais ou menos deformadas.»

Michel Corvin . *Dictionnaire Encyclopédique du Théâtre*, Paris, Bordas, 1991

«ALI ESTAVA ELA TOLHIDA DE MEDO E DE SUSTO E NÃO CONSEGUIA MEXER-SE MAS JÁ OS PANTUFOS DE FERRO TINHAM SIDO POSTOS SOBRE O CARVÃO EM BRASA E TRAZIDOS PARA DENTRO COM UMAS TENAZES E COLOCADOS DIANTE DELA ENTÃO FOI OBRIGADA A CALÇÁ-LOS E A DANÇAR ATÉ CAIR MORTA POR TERRA.»

Max Gericke
Nem uma coisa nem outra

Tradução: Aires Graça

Encenação: Fernando Mora Ramos

Versão cénica: Fernando Mora Ramos e Isabel Lopes

Dispositivo cénico: José Carlos Faria

Iluminação: Fernando Mora Ramos e Jonathan Azevedo

Interpretação: Isabel Lopes